

Carta do Prelado (Abril 2010)

Na sua carta de Abril, D. Javier Echevarría convida a considerar a ideia de que "com a Sua humilhação e a Sua posterior exaltação, o Senhor mostrou-nos o caminho que devem percorrer os nossos passos na nossa existência quotidiana".

04/04/2010

Queridíssimos: que Jesus me guarde as minhas filhas e os meus filhos!

Ontem, dia 31 de Março, fez 75 anos que o nosso Padre celebrou a Missa pela primeira vez e deixou o Santíssimo Sacramento reservado na Residência de Ferraz. E amanhã, 2 de Abril, terão passado cinco anos do falecimento de João Paulo II. Dois aniversários muito diferentes entre si, que causam, no entanto, um eco especial nos nossos corações. Os dois caem este ano em plena Semana Santa. Convidam-nos a percorrer o caminho da vocação cristã em íntima união com Jesus Cristo, realmente presente na Sagrada Eucaristia, acompanhando-O de perto na Sua Paixão redentora.

O nosso Padre lembrava-se com frequência que o trabalho apostólico teve um grande crescimento depois de o Senhor ficar no Sacrário do Centro. Mal esse dia passou, e sem desaparecerem as dificuldades – que sempre encontraremos, porque por esse caminho andou Nosso Senhor –,

a colheita começou a manifestar-se com mais abundância. O nosso Padre registou isto por escrito numa carta ao Vigário Geral da Diocese de Madrid-Alcalá: «Desde que temos Jesus no Sacrário desta Casa, isso nota-se de forma extraordinária: chegou Ele e aumentou a extensão e a intensidade do nosso trabalho» [1].

Todos recordamos que a morte de João Paulo II provocou um abanão espiritual numa multidão de pessoas e deixou inumeráveis frutos. Foi precedida de anos, meses e semanas nos quais este grande Pontífice ofereceu – com a sua pregação e com o seu exemplo, com a sua prolongada doença, com a sua vida entregue e com a sua morte – o maravilhoso testemunho de como devemos seguir Cristo. Recordamos com certeza a determinação com que agarrava a Santa Cruz, enquanto seguia pela televisão a Via Sacra de Sexta-feira

Santa, quando não pôde estar presente.

Estas e outras lembranças podem ajudar-nos a *entrar* com mais profundidade nas cenas da Semana Santa. A Liturgia do Tríduo sagrado, que começa esta noite com a Missa *in Cena Domini* e termina com a Vigília Pascal, comemora de forma eloquente o modo que Deus escolheu para nos redimir. Peçamos ao Senhor graça abundante para melhor compreendermos o dom imenso, verdadeiramente inestimável, que concedeu à humanidade através do Seu sacrifício na Cruz. Que te propuseste para não deixar Jesus Cristo sozinho? Como Lhe rogas para que te faça uma alma generosamente penitente? Pões os meios para que não aconteça aquela debandada que aconteceu aos Apóstolos?

Comentando o hino da Epístola aos Filipenses, que descreve o

aniquilamento de Deus para nos salvar [2], Bento XVI explica que «o Apóstolo percorre, de um modo tão essencial como eficaz, todo o mistério da história da salvação, aludindo à soberba de Adão que, não sendo Deus, queria ser como Deus. E a esta soberba do primeiro homem, que todos sentimos um pouco no nosso ser, ele contrapõe a humildade do Filho de Deus, que, ao fazer-Se homem, não duvidou em tomar sobre Si todas as fraquezas do ser humano, excepto o pecado. E chegou até à profundidade da morte. A este abaixamento, até ao mais profundo da Paixão e da Morte, segue-se a Sua exaltação, a verdadeira glória, a glória do amor que chegou até ao extremo. Por isso é justo, como diz S. Paulo, que “ao nome de Jesus todo o joelho seobre, no céu, na terra e no abismo e toda a língua proclame que Jesus Cristo é Senhor!” (*Fl 2, 10-11*)» [3].

Detenhamo-nos a meditar estas palavras de S. Paulo, que ouviremos de novo na Sexta-feira Santa, antes de lermos a Paixão segundo S. João. São como que a porta que nos permite introduzir-nos nos desígnios divinos, que tantas vezes divergem dos planos meramente humanos.

Abracemos as contradições que Deus permitir ou nos enviar, com a certeza de que são uma prova do Seu amor, como o foram a Morte e a Paixão do Seu Filho. «Não foi fruto de um mecanismo obscuro ou de uma fatalidade cega. Foi antes uma livre escolha Sua, por generosa adesão ao plano de salvação do Pai. E a morte, para a qual se encaminhou, acrescenta S. Paulo, foi a morte de Cruz, a mais humilhante e degradante que se podia imaginar. Tudo isto», comenta o Romano Pontífice, «fez o Senhor do Universo por amor a nós: por amor, quis “despojar-se da Sua dignidade” e fazer-se nosso irmão; por amor,

partilhou a nossa condição, a de todo o homem e de toda a mulher» [4].

Com a Sua humilhação e a Sua posterior exaltação, o Senhor mostrou-nos o caminho que devem percorrer os nossos passos na nossa existência quotidiana. «Se Lhe formos fiéis,» escreveu S. Josemaria, «a vida de Jesus repetir-se-á, de alguma maneira, na de cada um de nós, tanto no seu processo interno – na santificação – como na conduta externa» [5]. Assim, sob a acção do Espírito Santo, com a nossa colaboração pessoal, ir-se-ão consolidando os traços de Cristo em nós. Também na prática da Via-Sacra, podemos meditar com profundidade o que o nosso Padre escrevia: «Senhor, que eu me decida a arrancar, mediante a Penitência, a triste máscara que forjei com as minhas misérias...Então, só então, pelo caminho da contemplação e da expiação, a minha vida irá copiando

fielmente os traços da Tua vida. Ir-nos-emos parecendo cada vez mais contigo. Seremos outros Cristos, o mesmo Cristo, *ipse Christus*» [6].

Filhas e filhos meus, peço ao Senhor que entendamos a fundo que a maior manifestação de amor, de felicidade, está na humilhação, porque Deus enche então a alma até ao último recanto. Não esqueçamos que aqueles versos que vinham aos lábios de S. Josemaria – pobres, dizia ele – são uma verdade muito evidente: *Coração de Jesus que me iluminas, / hoje digo que és o meu Amor e o meu Bem, / hoje deste-me a Tua Cruz e os Teus espinhos, / hoje digo que muito me amas.*

O Senhor usa esta forma de actuar, a união com a Cruz, para nos santificar, e permite também que a própria Igreja sofra muitos ataques. «Não é uma coisa nova», comentava S. Josemaria. «Desde que Jesus Cristo

Nosso Senhor fundou a Santa Igreja, esta nossa Mãe tem sofrido uma constante perseguição. Talvez noutras épocas as agressões se organizassem abertamente, mas agora trata-se, com muita frequência, de uma perseguição disfarçada. Hoje como ontem, continua a combater-se a Igreja» [7].

Nada disto nos deveria surpreender. Já Nossa Senhor o anunciou aos Apóstolos: *se o mundo vos odeia, sabei que antes de vós me odiou a Mim. Se fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas como não sois do mundo, antes eu vos escolhi do meio do mundo, por isso o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior que o seu senhor. Se eles me perseguiram a mim, também vos hão-de perseguir a vós. Se guardaram a minha palavra também hão-de guardar a vossa* [8].

Há certamente momentos em que se intensificam os ataques à doutrina católica, ao Papa e aos Bispos. Põem-se na berlinda os sacerdotes e os que se esforçam por levar uma vida recta. Reduzem-se ao ostracismo os católicos leigos que, no uso da sua liberdade, se propõem iluminar as leis e as estruturas civis com as luzes do Evangelho. Imagino que todas e todos sentireis pena por essas pobres criaturas que têm apenas amargura nas suas mentes, nas suas almas. Confiemo-las ao Senhor com a nossa oração.

Perante estas situações, não podemos perder o ânimo nem encolher-nos. Experimentemos uma tristeza fraternal pelos que andam no erro e rezemos por eles. Devolvamos-lhes bem por mal. E tomemos a decisão de ser mais alegremente fiéis e mais apostólicos. Lembremo-nos do **Deus e audácia** de S. Josemaria nos primeiros anos da Obra, quando as

dificuldades da vida da Igreja não eram inferiores às da Igreja actual. Consideremos a afirmação do Senhor que acabo de vos recordar: *Se me perseguiram a Mim, também vos hão-de perseguir a vós. Se guardaram a minha doutrina, também hão-de guardar a vossa.* Deus não perde batalhas. Com o Seu amor e a Sua omnipotência infinitas, pode tirar bem do mal.

Os que pensavam que tinham acabado definitivamente com a Igreja cantaram vitória muitas vezes, mas a Esposa de Cristo ressurgiu sempre mais bela, mais pura, para continuar a ser instrumento de salvação entre as nações. Já Santo Agostinho o ensinava, no seu tempo, com expressões que o nosso Padre registava numa das suas homilias. «Se alguma vez ouvirdes palavras ou gritos de ofensa contra a Igreja, manifestai com humanidade e com caridade a esses infelizes que não se

pode maltratar uma Mãe assim. Agora atacam-na impunemente, porque o seu reino, que é o do seu Mestre e Fundador, não é deste mundo. “*Enquanto o trigo gemer entre a palha, enquanto as espigas suspirarem entre a cizânia, enquanto os vasos de misericórdia se lamentarem entre os da ira, enquanto o lírio chorar entre os espinhos, não faltarão inimigos que se interroguem: quando morrerá e desaparecerá o seu nome? Ou seja, olhai que virá o tempo em que desaparecerão e já não haverá cristãos... Mas dizendo isto, morrem sem remédio. E a Igreja permanece*” (Santo Agostinho, En. in Ps., 70, II, 12)» [9].

Há épocas em que gostaríamos que Deus manifestasse o Seu poder libertando definitivamente a Igreja de quem a persegue. E talvez nos apeteça perguntar: porque permites que assim humilhem o povo que Tu redimiste? É a queixa que, no

Apocalipse, S. João põe nos lábios dos que deram testemunho de Cristo até à morte: *Vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que tinham dado. Clamaram em voz alta, dizendo: Até quando, Senhor, santo e verdadeiro, dilatas Tu o fazer justiça e vingar o nosso sangue dos que habitam sobre a Terra [10]?* A resposta não se faz esperar: *e foi-lhes dito que tivessem paciência ainda um pouco de tempo, até que se completasse o numero dos seus irmãos e companheiros, que haviam de sofrer, como eles, a morte [11].*

É a forma de actuar de Deus. Os que foram testemunhas da prisão de Cristo, do Seu julgamento iníquo, da Sua injusta condenação, da Sua morte ignominiosa, concluíram erradamente que tudo tinha acabado. E, contudo, nunca tinha estado tão perto a Redenção dos homens, como no momento em que

Jesus sofria voluntariamente por nós. «Que maravilhoso, e ao mesmo tempo surpreendente, é este mistério!» comenta o Santo Padre. «Nunca poderemos meditar suficientemente esta realidade. Jesus, apesar da Sua condição divina não fez alarde da sua categoria de Deus como propriedade exclusiva. Não quis usar a sua natureza divina, a sua dignidade gloriosa, nem o seu poder, como instrumentos de triunfo» [12].

O Senhor quer que, nos membros do Seu Corpo Místico, se realize o mistério de abaixamento e exaltação, mediante o qual levou a cabo a Redenção. «Sexta-feira Santa é um dia cheio de tristeza, mas ao mesmo tempo é um dia apropriado para renovar a nossa fé, para reafirmar a nossa esperança e a valentia de levar cada um a sua cruz, com humildade, confiança e abandono em Deus, seguros do Seu apoio e da Sua

vitória. A Liturgia deste dia canta: “*O crux, ave, spes unica*”, “Salvé, ó Cruz, esperança única!”» [13]. Sugiro-vos uma coisa que vi o nosso Padre fazer: saborear, meditar, fazer muito suas estas palavras que se repetem de modo especial na Semana santa: *Adoramus te, Christe, et benedicimus tibi. Quia per sanctam Crucem tuam redemisti mundum!*

À luz da gloriosa Ressurreição, que se seguiu à morte e sepultura de Jesus, os acontecimentos que causam dor ou sofrimento adquirem o seu verdadeiro sentido. Esforcemo-nos por entender assim esta realidade, amando a Vontade de Deus em cada momento, que, embora não queira o mal, o permite, para respeitar a liberdade humana, e para fazer brilhar mais a Sua misericórdia. E procuremos que assim o entendam muitas outras pessoas que talvez se mostrem confusas ou desorientadas.

«Aconteça o que acontecer, Cristo não abandonará a sua Esposa» [14]. O Senhor continua a viver na Igreja, à qual enviou o Espírito Santo para a acompanhar eternamente. «Esses eram os desígnios de Deus: Jesus morrendo na Cruz dava-nos o espírito de Verdade e de Vida. Cristo permanece na Sua Igreja: nos seus sacramentos, na sua liturgia, na sua pregação, em toda a sua actividade» [15]. E o nosso Padre acrescenta: «só quando o homem, sendo fiel à graça, se decide a colocar a Cruz no centro da sua alma, negando-se a si mesmo por amor de Deus, estando realmente desprendido do egoísmo e de toda a falsa segurança humana, quer dizer, só quando vive verdadeiramente de Fé é que recebe com plenitude o grande fogo, a grande luz, a grande consolação do Espírito Santo» [16].

No dia 23 deste mês, celebraremos um novo aniversário da Primeira

Comunhão do nosso Padre. Não sei como exprimir a sua alegria, a sua adoração, o seu fervor eucarístico no dia de Quinta-feira Santa. Mas posso dizer-vos que o seu agradecimento e a sua adoração a Jesus Cristo na Hóstia Santa eram exemplares: tudo lhe parecia pouco, e rogava ao Senhor sacramentado que o ensinasse a amar, que nos ensinasse a amar.

Há outras efemérides da história da Obra neste mês. Deixo-as à vossa sã curiosidade para que, como boas filhas e bons filhos, saibamos agradecer à Santíssima Trindade todas as Suas bondades connosco. Entre outras, agradeçamos agora os frutos espirituais da viagem que fiz a Palermo, no fim-de-semana passado.

Continuai a rezar pelo Papa e pelos seus colaboradores, por todas as minhas intenções. O lema que vos proponho é o mesmo de S. Josemaria

nos começos do Opus Dei: ***Deus e audácia***, fé e valentia, com um optimismo enraizado na esperança. Intensifiquemos o apostolado de amizade e confidência próprio da Obra, sem respeitos humanos, fundamentado numa vida de oração e de sacrifício, e num trabalho profissional realizado da melhor forma possível. E o Senhor fará todas as coisas ***antes, mais e melhor*** do que possamos imaginar.

Com todo o afecto, abençoa-vos

o vosso Padre

+ Javier

Roma, 1 de Abril de 2010

[1] S. Josemaría, *Carta a D. Francisco Morán*, 15-V-1935 (cfr. A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei* vol. I, p. 495).

[2] Cfr. *Fl 2*, 6-11.

[3] Bento XVI, Discurso na Audiência Geral, 8-IV-2009.

[4] Bento XVI, Discurso na Audiência Geral, 8-IV-2009.

[5] S. Josemaria, *Forja*, n. 418.

[6] S. Josemaria, *Via-sacra*, VI Estação.

[7] S. Josemaria, Homilia *O fim sobrenatural da Igreja*, 28-V-1972.

[8] *Jo* 15, 18-20.

[9] S. Josemaria, Homilia *Lealdade à Igreja*, 4-VI-1972.

[10] *Ap* 6, 9-10.

[11] *Ap* 6, 11.

[12] Bento XVI, Discurso na Audiência Geral, 8-IV-2009.

[13] Bento XVI, Discurso na Audiência Geral, 8-IV-2009.

[14] S. Josemaria, Homilia *Lealdade à Igreja*, 4-VI-1972.

[15] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 102.

[16] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 137.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-
prelado-abril-2010/](https://opusdei.org/pt-pt/article/carta-do-prelado-abril-2010/) (13/02/2026)